

## TECNOLOGIAS DIGITAIS DE RESISTÊNCIA (TDR): PONTES INTERSECCIONAIS E DECOLONIAIS PARA A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

PEREIRA, C. E. F.

<sup>1</sup> Pesquisador Independente, cefp105@gmail.com

**Palavra-chave:** Educação Democrática; Tecnologias Digitais da Resistência; Novo Ensino Médio.

Este artigo propõe e sistematiza o conceito de Tecnologias Digitais da Resistência (TDRs) enquanto *framework* teórico-prático inédito para operacionalizar pedagogias interseccionais e decoloniais, constituindo uma resposta urgente ao cenário de precarização educacional e necropolítica instaurado pela reforma do Novo Ensino Médio (NEM). Partindo do diagnóstico de que o NEM materializa um projeto neoliberal que opera um duplo epistemicídio, articulando a lógica econômico-mercadológica com a matriz racial-colonial. A investigação central problematiza como as tecnologias digitais, tradicionalmente vetores dessa racionalidade opressiva, podem ser reapropriadas criticamente como ferramentas de contraconduta, reexistência e construção de alternativas pedagógicas radicalmente democráticas. Metodologicamente, o estudo articula uma pesquisa-intervenção fundamentada na etnografia crítico-digital multissituada, desenvolvida em duas fases sequenciais: a Fase 1, já em andamento, dedica-se à fundamentação teórica e mapeamento conceitual; e a Fase 2, em planejamento avançado, envolverá a imersão empírica em territórios educativos onde emergem práticas de resistência digital. O arcabouço teórico estabelece um diálogo original entre três eixos interconectados: 1) a crítica estrutural ao neoliberalismo educacional e ao seu complexo industrial da educação (com base em Wendy Brown e Audrey Watters); 2) as pedagogias decoloniais (Aníbal Quijano, Catherine Walsh) e interseccionais (bell hooks, Carla Akotirene), traduzidas para o campo digital por meio de conceitos como pedagogia digital crítica (Maha Bali) e abertura radical (Catherine Cronin); e 3) a análise das tecnologias como campo de disputa política, onde noções como colonialismo de dados (Sérgio Amadeu) e datavismo (Paola Ricaurte) permitem examinar táticas de insurgência e sobrevivência digital. A análise preliminar de casos emblemáticos — incluindo a produção de contranarrativas no TikTok por estudantes periféricos, a prototipagem de arquivos digitais comunitários em redes P2P por professores quilombolas, e a rede sonora do podcast “Conhecimentos, Saberes etc.” — indica que as TDRs se materializam em quatro eixos de ação principais: gambiarras epistêmicas (David Nemer), pedagogias abertas e REA, redes P2P e contra-algoritmos (Tarcízio Silva). Tais práticas não só



# I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

24, 25 e 26 / novembro

UFF - Niterói

subvertem usos previstos das ferramentas digitais, mas também reconfiguram relações de poder no chão da escola. Conclui-se, prospectivamente, que a pesquisa aponta para a viabilidade de kits de resistência pedagógica — conjuntos de ferramentas e metodologias — e para a elaboração de diretrizes de políticas tecnológicas fundadas em uma educação democrática radical. As TDRs emergem, assim, como possibilidades concretas de prefigurar ecologias educacionais decoloniais, nas quais a tecnologia é reconhecida como espaço de batalha epistêmica. Não obstante os limites impostos pelo racismo algorítmico e pelas assimetrias de poder, as TDRs sinalizam caminhos para uma reinvenção da escola a partir das margens, mediante a cocriação com os sujeitos historicamente silenciados.

